

# Os lugares da alma: espacialidade, filosofia e estilística em “Lá, nas Campinas”, de Guimarães Rosa

Márcia Manir Miguel Feitosa  
Adeilson de Abreu Marques  
Flaviano Menezes da Costa  
Narjara Mendes Silva  
UFMA

**Resumo:** “Lá, nas campinas”, conto de *Tutameia – terceiras histórias*, de Guimarães Rosa, é um texto que nos possibilita refletir sobre a relação do homem e a paisagem e, conseqüentemente, sobre o que o identifica com o lugar de sua experiência histórica. Este artigo propõe uma reflexão crítica do referido conto no que diz respeito a questões que discorrem sobre lugar (“Lá, nas campinas...”), num Drijimiro que traz consigo uma geografia da alma, do coração, da imaginação, além de desenvolver uma reflexão filosófica e, também, enfatizar os seus aspectos lingüísticos, dada a riqueza do vocabulário rosiano, relacionando-o ao lugar.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa. Paisagem. Filosofia. Linguagem.

**Abstract:** “Lá, nas campinas”, fairy *Tutameia – terceiras histórias*, Guimarães Rosa, is a text that allows us to reflect on the relationship between man and the landscape and hence about what identifies with the place of their historical experience. This article proposes a critical reflection of that tale since its linguistic aspect, given the wealth of vocabulary rosiano until they discuss issues that place (“There, in the plains ...”), a *Drijimiro* that brings a geography of the soul, the heart's imagination and eventually develop a philosophical reflection from the count in the analysis.

**Keywords:** Guimarães Rosa. Landscape. Philosophy. Language.

## 1 Introdução

Não, não sou romancista; sou um contista de contos críticos. Meus romances e ciclos de romances são na realidade contos nos quais se unem a ficção poética e a realidade. Sei que daí pode facilmente nascer um filho ilegítimo, mas justamente o autor deve ter um aparelho de controle: sua cabeça. (ROSA apud LORENZ, 1983, p.70)

Para muitos escritores, a transição do trato prazeroso e descompromissado com as letras para a necessidade incoercível do fazer artístico-literário parece ser tão veloz e intensa, quanto inevitável. Para o mineiro João Guimarães Rosa escrever era também uma forma de extrair da vida o que poucos tinham coragem de pedir: a verdade dos seres e das coisas, e, para isso, não necessitava ir além de pequenos e intensos contos.

Disso resultaram alguns de seus mais emblemáticos e festejados livros, produzidos com prazer e carregados de necessidades e, atrevidamente, escritos em um idioma próprio: o português de Guimarães Rosa, no qual se pode deduzir que aquele não se submetia “à tirania da gramática e dos dicionários dos outros”. Nos contos rosianos, podemos escutar as vozes de quase todas as coisas e das não-coisas que nos cercam, pois seu autor consegue transformar em mitologia o ambiente vivido; em realidade, a utópica vontade de pertencer a um lugar. Talvez por isso, poucos, na Literatura Brasileira, exijam tanto de seus leitores-intérpretes quanto Guimarães Rosa. Não somente porque lhes propõe, através de uma rasteira filosófica sobre as coisas e os seres que as cercam, uma leitura tranquila e intuitiva, mas, sobretudo, porque as pequenas interjeições dialogam com as experiências dos fatos, quase que tornando estes acontecimentos uma síntese de todas as expectativas que os relatos, os diálogos e os incidentes não puderam ou preannunciar, ou descrever.

No conto “Lá, nas campinas”, de *Tutameia – terceiras estórias* (publicado em 1967), o sonhador Drijimiro aspira voltar para o “seu” lugar de origem, vivendo de reminiscências que poderiam ser ampliadas em um romance ou sintetizadas em uma simples anedota. Porém, Guimarães Rosa escolhe “contar” Drijimiro, para assegurar a instabilidade do sentido das palavras que, nem de menos e nem demais, narram suas perspectivas e angústias. Para nos guiar nesse labirinto de miragens, paisagens e realidades cobiçadas, consideraremos o sentido do lugar cultural enquanto algo que se encontra entre o espaço e o tempo (a partir da geografia humanista de Yi-Fu Tuan), abordando, em consonância, as questões filosóficas presentes na narrativa (através de uma ontologia fundamental do filósofo Martin Heidegger), percebendo em Drijimiro um Ser que “parece” anular suas potencialidades em detrimento de um sonho: a procura por um Lugar. Por fim, trazendo as considerações do “teórico do imaginário” Gaston Bachelard, analisaremos as singularidades linguísticas e o conjunto de representações presentes neste pequeno e intrigante conto de João Guimarães Rosa.

## 2 O lugar da recordação: memória e imaginação

O conto “Lá, nas campinas” apresenta um enredo simples: um homem, Drijimiro, é levado de seu lugar de origem quando criança para outra cidade. Lá ele cresce, trabalha incansavelmente e se torna importante na comunidade local. Porém, durante toda a trama, o protagonista é atormentado pelas lembranças do lugar de onde fora tirado, tentando recuperar suas origens, cobiçando algo que nunca realizará. Desta forma, o conto torna-se um texto que exige do leitor uma interpretação cuidadosa sobre o fenômeno do Ser e do Lugar e, particularmente, da linguagem literária rosiana. Trata-se, também, de uma escrita repleta de lacunas, que nos apresenta um sujeito que se perde no intuito de se achar, o que nos conduz às questões a serem analisadas aqui: Qual é o lugar de nosso protagonista? O lugar da recordação? Da imaginação?

A narrativa de enredo curto e, ao mesmo tempo, intenso nos apresenta um protagonista que, apesar de quase não praticar ações, é movido constantemente pela imaginação. No entanto, essa imaginação limita-se aos resquícios de lembranças que permeiam sua memória, resultado de uma vida difícil, de marginalização social.

“Lá, nas campinas” é uma espécie de refrão da vida de Drijimiro, retalho de memória de sua infância, elo que o remete a um passado e que o acompanha constantemente. Esse fragmento de frase expressa seu vazio existencial. O “Lá” pode figurar, inicialmente, apenas um vocábulo indefinido, assim como parece indefinida e confusa a lembrança de um lugar que Drijimiro tenta reconstruir para si, como que para reconstituir sua própria existência. O “nas campinas” designa um campo aberto que representa o espaço por onde transitam os farrapos de memória desse lugar: “Vinha-lhe a lembrança – do último íntimo, o mim do fundo – desmisturado milagre. Só lugares” (ROSA, 1985, p. 97).

O geógrafo chinês Yi-Fu Tuan (1983) nos explica como lugares e objetos se confundem. O valor que atribuímos aos objetos (um bairro, uma casa ou mesmo um livro) corresponde ao quanto nos preocupamos ou nos lembramos deles. Isso nos faz reconhecer a sua realidade, sentindo-os profundamente. Reconhecer essa realidade, até certo ponto imaginada, é identificar nosso lugar para nele nos reconhecer. É através dos sentidos que Drijimiro visualiza o

“largo rasgado, “o chão amarelo de oca”, “olhos d’água jorrando de barrancos”, “a casa”, “o orvalho”. [...]” (ROSA, 1985, p. 97-99).

Um ser fragmentado é o nosso protagonista. Sempre tentando juntar partes tão minúsculas de um todo, para ele, tão perto pelos sobejos de memória, e tão longe pelo que a memória não dá conta de recuperar. Segundo o geógrafo supracitado, embora o pequeno seja o espelho do grande, que “a parte pode ser essencial para o funcionamento do todo”, ela “não é o todo em miniatura e em essência” (TUAN, 1983, p. 112).

Encontramos, ainda, na mesma obra referenciada, uma passagem em que o geógrafo cita o pensamento de Freya Stark, escritora francesa, com quem podemos relacionar nossas análises a respeito das atitudes de Drijimiro na busca de sua origem:

Nas coisas menores e mais familiares [...] a memória tece as alegrias mais intensas e nos mantém à sua mercê através de ninharias, algum som, o tom de uma voz, o odor de piche e de algas marinhas no cais. [...]. Este certamente é significado de lar – um lugar em que cada dia é multiplicado por todos os dias anteriores. (STARK apud TUAN, 1983, p. 160)

As ninharias do passado são o que dão sentido à busca de Drijimiro por suas origens, mas são também o que o encerra na incompletude de uma frase. Seu lugar parece se situar nas lembranças do que foi, no entanto o tempo é outro e, a despeito de que lugar e tempo estejam intimamente relacionados, as experiências atuais da personagem perdem sentido, assumem valor mínimo por conta do apego ao passado minguado que, paradoxalmente, minimiza o presente, tornando quase imperceptível sua existência.

A imagem das *campinas* não é uma imagem definida; é, antes de tudo, o que Drijimiro consegue recriar pelo presente, usando sua imaginação e a dos outros, como acontece quando o Ríxio, “entendido e provador de cachaças”, explica que, pelo nome *Campinas*, atendia determinado “arraial antigo e célebre cidade”.

*Campinas* é sonho, é imaginação na medida em que “nada encontrava, a não ser o real: coisas que vacilam, por utopiedade” (ROSA, 1985, p. 98). É devaneio: “Só achar o sítio, além, durado na imaginação” (ROSA, 1985, p. 98). Há um forte sentimento de afeto a um lugar não palpável, com “uma verdade imaginária”. Aqui, sentimento e pensamento produzem uma realidade paralela, congregando lembrança, desejo, razão, emoção.

Sobre esse ponto, Tuan escreve:

A experiência é constituída de sentimento e pensamento. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento. (TUAN, 1983, p. 11)

A constituição da identidade da personagem não se dá somente através de uma relação direta com o real, mas também com toda a perspectiva de um reencontro com as origens que o próprio indivíduo se permite cobiçar. O sentido que atribui às experiências adquiridas no decorrer de sua vida é o que dá sentido a ela, mas não somente o vivido no mundo presente. Saber que “Drijimiro tudo ignorava de sua infância; mas recordava-a, demais” (ROSA, 1985, p. 97) nos faz interrogar sobre a real condição humana de viver entre a razão e a emoção, ultrapassando os limites do tempo e do espaço, mas sempre exigindo para si um Lugar como referência ou como perspectiva de reencontro.

O próprio conto que aqui tentamos analisar pode ser percebido como uma “narrativa de expectativas” em sua “sina-dêitica” (Lál). O tempo e o lugar, o movimento regressivo das coisas, as dúvidas derivadas do experienciar nas narrativas deste autor *sui generis* são os melhores exemplos da lógica de uma literatura que não respeita qualquer coerência narrativa costumeira. Porém, com todas as propostas de subversão ou inversão, Guimarães Rosa não consegue destituir, de todo, as regras que circulam as três unidades do texto ficcional: o espaço, o tempo e a ação. Mesmo que as ações se recuem lembranças; o lugar: expectativa; e o tempo: descontinuidades.

Segundo Benedito Nunes, esclarecendo uma hermenêutica heideggeriana que parece tão cara para quem realmente necessita dela, “[...] não há compreensão de si, sem compreensão dos outros e do mundo, [...]”. Desta forma, a própria compreensão do ser manifesta-se em tudo que este pensa, expressa e faz, e é isto que distinguiria “o homem” como *Dasein*, isto é; “[...] como aquele ente que existe compreendendo o ser e que por isso pode interpretar de uma certa maneira a si mesmo e ao mundo, assumindo nessa compreensão. [...]” (NUNES, 1999, p.58).

Drijimiro se traduz em expectativas, na incansável vontade de regressar para as suas Campinas. Não houve tempo relativo para a compreensão do outro, do mundo, então; de si mesmo, pois a relação sujeito-objeto (homem-lugar) englobou ambos em um recinto de “apreensões” que excluiu qualquer outra forma de poder-ser-si-mesmo. Entretanto, se afirmarmos que a essência consiste na existência, poderíamos anular toda e qualquer noção de vivência enquanto possibilidade, escolhas, erros e acertos.

Na análise do *ser-aí*, ou na assim chamada analítica existencial, o ser-no-mundo é tratado como aquele que está sempre ocupado com algo, preocupado com um afazer, aplicando-se a uma tarefa, podendo esta ser um empreender, um impor, pesquisar, interrogar, considerar, discutir e determinar. (HEIDEGGER, 2005, p. 95)

Drijimiro talvez não tenha compreendido a fatalidade de suas próprias decisões, mas sempre decidiu, sempre transcendeu cada episódio de sua vida como uma propensa possibilidade de *vir-a-ser*. Possibilidade que parece ir se desfazendo com as deslembranças dos objetivos e dos lugares, mas que continuam nas reticências: “Tudo era esquecimento, menos o coração. – ‘Lá, nas campinas!...’ [...]” (ROSA, 1985, p. 100, grifo do autor).

Todas as reminiscências parecem correr para um fim condutor que ultrapassa a própria intenção descritiva do autor sobre as expectativas de seu personagem quando aquele afirma: “Então, ao narrador foge o fio. Toda estória pode resumir-se nisto: - **Era uma vez uma vez, e nessa vez um homem**. Súbito, sem sofrer, diz, afirma: - “Lá...” Mas não acho as palavras. (ROSA, 1985, p. 100, grifos nossos).

A frase, de intrigante ironia fabular, entra em um quadro semântico multiforme quando as palavras que as compõem conotam o início do fim, a decomposição de um ideal, não pela “vontade de si” (pois ela persiste além das forças vitais de Drijimiro), mas pela mistura confusa das lembranças próprias e dos outros, da idealização do lugar e do efeito do não-lugar que se aproxima de um acomodado lugar-sem-lugaridade<sup>1</sup>. Drijimiro desfaz-se, pois, de suas Campinas enquanto ambiente (lugar experienciado) e as torna qualquer coisa que não seja aquele mundo reduzido à realidade neutralizante que habita.

A metáfora lúdica, e nem um pouco ingênua, da decomposição de uma expectativa, conseqüentemente, é a de um homem que viveu para retornar a um lugar que possibilitaria emergir uma compreensão de si. Temos uma corrosão das lembranças do espaço afetivo que já principia na própria vivência nas campinas (Era uma vez...), arrasta-se por toda uma vida subordinada a “uma ambição” que tem seu tempo-limite de se realizar (...uma vez...) e atinge de forma intensificadora todo o eu-reflexivo (... e nesta vez um homem), que se silencia diante da possível felicidade subterrânea de criar uma efetiva e potencializadora experiência de “ser-no-mundo”. O que ocorre, entretanto, é a crescente angústia da expectativa, o que não diminui, mas intensifica sua leitura de mundo, mesmo que Drijimiro não consiga discernir tal progresso:

O sentimento, o *stimmung* da angústia, é descobridor. É a angústia que cinde a vida cotidiana, colocando o Dasein, sem remissão, diante de seu próprio ser-no-

mundo. Nós nos angustiamos com a morte, da qual o Dasein foge. [...] O Dasein foge à morte – sua mais extrema possibilidade. [...]. (NUNES, 1999, p. 65)

As expectativas angustiantes de Drijimiro ligam o sujeito ao objeto de tal modo que torna impuro o próprio discurso corporal da personagem quando esta, parecendo se interessar pela sobrinha do padre, já demonstra que tudo que o agrada possui tão-somente um sabor de recompensa ínfima, de troco da vida. Percebe-se que a fixação de Drijimiro pelos seus imaginados campos verdejantes o acompanha até seu último suspiro, por isso, talvez, nem faça questão de nenhum troco do destino, apenas prefere voltar para casa e continuar a mover suas tutameias.

Tomemos, então, este último suspiro da personagem, não o que esvazia o corpo da vida orgânica, mas o que delimita o início da perda da consciência temporal dos fatos e das coisas, na qual as sensações finais de um lugar utópico perdem até seu referencial enquanto lugar experienciado (Lá...).

A depuração dos sentimentos de se “re-conhecer” no “re-conhecimento” do lugar poderia até se exteriorizar no fazer que se desfaz aos poucos e na obstinação de meta geográfica que está no capricho de voltar ao Lar/Lá! , mas isso parece não ocorrer, para o bem ou mal de Drijimiro.

Alguns personagens de Tutaméia acertam quando pensam errar e erram quando pensam acertar. Tudo está certo no fim, já dizia Riobaldo, em Grande sertão: veredas. Há quase sempre, no final de cada estória dessas últimas Terceiras, um acerto de contas, que satisfaz, repondo nos eixos a vida desgarrada, um inesperado demão da sorte, do acaso ou das circunstâncias, que emenda o fio que antes se rompeu, troca o sim pelo não e o não pelo sim. [...] Pode-se , no entanto, ver no fundo das estórias [de Tutaméia] o reflexo de uma parábola. Quem perde, ganha; quem se perde acaba por encontrar-se. “Azo de almirante” é a ilustração dessa máxima evangélica. (NUNES, 2009, p. 196)

Caricatura de sua própria ambição de retornar ao seu lugar de origem, nosso esperançoso personagem não imagina o quanto se afastou dos seus objetivos, de suas lembranças, recorrendo às descrições paisagísticas dos outros, contentando-se com algumas palavras-esmoladas de ânimo. Entretanto, vê-se que o autor não abandona sua criatura. Ainda consegue salvar-lhe alguma dignidade, quando enfatiza sua heroica obstinação em buscar sua identidade, de algo que a personagem nem mesmo consegue se lembrar em sua inebriante totalidade, mas que está Lá em forma de esperança ou nas descrições que ficaram pelo caminho.

### 3 A linguagem de “La, nas campinas”: habitando sentidos, significando lugares

A singularidade linguística do enredo nos textos de Guimarães Rosa, além da já mencionada natureza simbólico-reflexiva, se revela em seu núcleo criativo através de uma sofisticada elaboração no que se refere a seus temas universais e sua criatividade inesgotável, por inúmeras razões: originalidade extrema, inventividade absoluta, reinvenção de palavras, resgate de termos já esquecidos, sintaxe inovadora, reconstrução/redefinição de provérbios e ditos populares, entre outros aspectos. Em “Lá, nas campinas”, temos um narrador que testemunha a peregrinação de Drijimiro e que, ao fim da estória, julga-se incapaz de contar aquela odisseia. Em linhas gerais, a obra *Tutameia* apresenta enredos que são sobrepostos pela riqueza da linguagem:

A instalação da atmosfera e a construção enigmática tendem a ser mais fortes que a trama, que se baseia em iluminações e adivinhações. Por isso, por serem pouco mais que parábolas, é bom assinalar que é nesse livro que a multiplicação dos enredos aparece com maior pujança, justamente onde eles quase desaparecem. (GALVÃO, 2006, p. 171)

No conto em questão, temos um trabalho de experimentação linguística fascinante: ora narrativa, ora poesia, ora reconstrução de frases já desgastadas pelo uso, ora neologismos que convidam o leitor a uma reflexão acerca das possibilidades de sua própria língua. Assim, percebemos uma estilística que, mesmo inserida em um enredo que não aparenta inovação, apresenta uma arquitetura ímpar e contribui para a consolidação dos já bem sucedidos experimentos linguístico-literários do autor.

Uma das possibilidades de leitura volta-se para a subversão dos ditos populares e também a apresentação de máximas que sintetizam, de forma exemplar, momentos da narrativa. Assim, destacamos no texto: “Todo mundo tem a incerteza do que diz” (ROSA, 1985, p. 97): as pessoas, em geral, têm certeza do que dizem, é o comum, o natural, mas aqui há uma subversão, uma vez que o narrador, a fim de adequar o dito à pessoa do protagonista, afirma que todo mundo possui incertezas e, a partir delas, afirma coisas. Essa modificação do texto original reforça o desfecho da narrativa, uma vez que o narrador afirma que a ele lhe falta o fio da história, ou seja, as memórias do protagonista são esparsas, vagas, insuficientes e se ele, Drijimiro, não é capaz de lembrar, tampouco o narrador o será. Por conta disso, o narrador afirma que todo

o mundo, simbolizado por Drijimiro, apoia-se não nas certezas, mas nas incertezas e a partir delas constrói seu discurso que é caracterizado por um não pertencimento ao lugar onde vive o presente e, ao mesmo tempo, não possui raízes em um passado.

Outro dito relevante é este: “viver é obrigação sempre imediata” (ROSA, 1985, p. 97): essa afirmação constitui, de uma só vez, uma crítica e uma constatação do modo de vida levado por Drijimiro. Crítica porque, ao invés de pensar no passado, de tentar reconstruir um lugar perdido na memória, no tempo, sem possibilidade de reencontro, o personagem deveria viver o presente, construir uma nova vida. Por outro lado, constitui uma verdade acerca da vida do protagonista, já que ele de fato prospera, trabalha bastante e se destaca no lugar onde vive.

Outra assertiva de singular beleza é quando o narrador postula: “O mundo se repete mal é porque há um imperceptível avanço” (ROSA, 1985, p. 99). Aqui se faz alusão ao fato de que o protagonista não se entrega verdadeiramente à vida que tem, vive à sombra do passado, seu mundo se repete mal porque o avanço (leia-se o progresso, as conquistas), vivenciado por ele, não é o bastante para satisfazer-lhe.

As metáforas e outras figuras de linguagem são uma constante também nesse conto, sobretudo aquelas que surpreendem o leitor pela perspicácia de engenho e pela sutileza da simplicidade de uma descrição psicológica que apresentam. Em um fragmento da narrativa, o narrador caracteriza o protagonista assim: “hermético feito um coco”. De fato, Drijimiro é calado, circunspecto, introvertido em alto grau. Com essa postura, o leitor fica em dúvida se de fato o lugar de onde ele vem não se torna conhecido por tanto hermetismo ou se por perda das memórias daquela época longínqua.

Já em um plano mais estritamente linguístico, destacamos a prefixação de valor negativo como uma constante no texto rosiano. Inúmeras são as palavras que figuram no texto com esse tipo de prefixação e seu emprego tem um caráter semântico que reforça o comportamento e a atitude do protagonista quanto ao lugar onde vive: uma postura de não aceitação, de busca constante pelas origens, pela terra natal. Assim, palavras como: *inesquecivelmente*, *inadiavelmente*, *desbotava*, *destontando-se*, *inquebranto*, *indescritão*, *imesclada*, *insólitos*, *incertezas*, *desmisturando* e outras figuram nesse rol de vocábulos cujo prefixo remete ao não, à negação que, por extensão, seria do protagonista a si mesmo, não se permitindo viver plenamente naquele lugar onde se encontrava.

A sintaxe é outra questão que merece destaque nesta fábula do sertão brasileiro. A sintaxe, para nos aproximarmos mais do escritor, chamaríamos de retorcida, refeita, (des)dobrável e, também, por vezes reticente, com lacunas, alheia ao mais desejado refinamento da organização

frasal. Guimarães Rosa assim o faz não por desconhecer, antes por conhecer demais, por ser dominador de palavras, domador de ditos, de provérbios, por ser um arquiteto de engenhosa perspicácia de frases que traduzem o universo do sertão brasileiro. Com isso, presenteia-nos com construções como “no ele falar naquilo” (ROSA, 1985, p. 97): essa podendo ser lida sob a ótica da temporalidade, isto é, “quando ele falou/falar aquilo”, que faz referência ao lugar já esquecido. Observamos que o sintático e o semântico, em Guimarães, talvez mais que em qualquer outro escritor brasileiro, andam entrelaçados, em uma interdependência indissolúvel. No entanto, às vezes, tais construtos prodigiosos podem confundir o leitor desavisado, ou seja, podem levá-lo não a uma compreensão; ao contrário, podem conduzi-lo por caminhos que o afastam do texto rosiano, já que tal escrita, menos pelo enredo e mais pela organização linguística, exige muito do leitor.

Um fragmento que merece também ser enfatizado é: “Mas achava, já sem sair do lugar, pois onde, pois como, do de nas viagens. [...]” (ROSA, 1985, p. 99). Nessa, o “atropelo” de termos parece figurar como uma desorganização do discurso em um primeiro momento. Entretanto, tal arquitetura pode ser lida como outra tentativa de reconstruir a trajetória do protagonista, só que agora a partir da viagem feita por ele quando da saída do lugar de origem. O “do de nas” poderia ser lido como “daquilo de que ele, Drijimiro, se lembrava nas viagens feitas ao sair do seu lugar”.

Outra constante na obra de Guimarães Rosa refere-se aos neologismos, os quais, nem sempre, são de fácil compreensão, de acessível entendimento. Em “Lá, nas campinas”, temos o termo “utopiedade” que, segundo Martins (2008), seria fantasia, quimera, sonho. Com efeito, a utopiedade ajusta-se bem ao perfil do protagonista, já que ele parece mesmo viver sonhando todo o tempo com o lugar de origem, a casa, a paisagem, a família.

Outro que figura no texto é *orfandante*, que seria uma aglutinação de órfão mais andante, ou seja, a síntese de uma pessoa que de fato corresponde ao protagonista. *Inquebranto* é outro termo nesta esteira, o qual, segundo Martins (2008), significa “inflexibilidade, solidez, qualidade do que é inquebrantável. Derivação prefixal de quebranto, ‘fraqueza’”. É assim que Drijimiro se mostra, ao longo da narrativa. Sem dúvida, bastante inflexível quanto ao fato de não aceitar que não lhe seja possível recuperar o trajeto do já vivido, de retornar à casa.

*Infinição* é outro termo que ocorre no conto, o que parece ser uma aglutinação de infinito, indefinido e/ou indefinição. Ou seja, a soma do que não tem fim e do que não tem definição. A procura de Drijimiro é dessa forma, verdadeiramente, uma busca por algo que ele não lembra o que é, ou melhor, onde é, onde fica esse lugar, como chegar até lá, de um lado; e de

outro, é uma busca sem fim, que o acompanha por toda a vida, sem permitir que ele tenha paz, sossego, tanto que o narrador emprega um paradoxo para descrever isso: “guardava paz, sossego insano”. A palavra *firmitude* é outra que aparece com o sentido de firmeza, do latim *firmitudo*, e era essa firmeza de caráter, de propósito, de personalidade decidida que caracteriza Drijimiro na busca por suas raízes.

Ainda quanto ao aspecto linguístico, destacamos também o papel singular do inventário de termos feito pelo narrador. Na estória de Drijimiro, ocorrem palavras pouco comuns, pertencentes e bem peculiares a um entorno do Brasil. Vocábulo como *siso*, *tatalar*, *penduricar*, *gementes e tangerino* figuram entre esses “achados” linguísticos. Quanto ao último termo, Cunha (2010, p. 621) apresenta-o a partir do termo “tangerina”: “sf. O fruto da tangerineira, planta da família das rutáceas 1844”. *Tangerino*, assim, seria derivação de tangerineira, ou seja, na narrativa, sugere a ideia de pertencimento, de enraizamento e, tal qual a fruta, que pode ser retirada do pé e levada para outro lugar, para ser cultivada e consumida em outras terras, de igual forma ocorreu com Drijimiro: fora tirado de seu “pé”, levado para outras terras e, sem dúvida alguma, também produziu frutos, mas sempre desejoso de regressar às suas origens.

Outra possibilidade de investigação dessa narrativa se volta para a perspectiva do imaginário e tal ideia se aplica ao texto de Guimarães Rosa de forma plena: as memórias de Drijimiro podem ser encaradas como devaneios de sua intimidade, a qual ele busca reconstruir, apoiado em fragmentos de uma memória opaca e dispersa, a fim de redesenhar o seu *lugar-nomundo*.

Com esse intuito, tomemos, primeiramente, a *casa* como objeto da tentativa de reconstrução destas memórias e, por consequência, do lugar do qual ele foi tirado: “Só lugares. Largo rasgado um quintal, o chão amarelo de oca, olhos-d’água jorrando de barrancos. A casa, depois de descida, em fojo de árvores”. (ROSA, 1985, p. 97). Observa-se que a casa desempenha papel importante nesta tentativa de reconstruir a memória: ela é caracterizada como um cenário inóspito, amarelado pelo tempo ou talvez pelas condições precárias que pintam o universo do sertão brasileiro; as imagens remetem a um espaço de pouca beleza, no entanto, mesmo caracterizada assim, a casa ainda se faz uma presença marcante nas lembranças de Drijimiro, o que é confirmado mais adiante: “De pessoas, mãe ou pai, não tirava memória”. (ROSA, 1985, p. 97). Assim, a imagem do lugar é a própria tentativa de resgatar a vida deixada para trás, ou seja, é por meio da casa que Drijimiro tenta chegar às suas origens.

Nessa esteira de pensamento, tomamos alguns postulados de Gaston Bachelard para investigar o conto em questão. O filósofo e teórico do imaginário defende a importância que

devemos atribuir ao imaginário, entendido esse como o conjunto de símbolos, imagens, representações e signos que explicam, referenciam e testemunham o consciente e o inconsciente de um indivíduo e, sobretudo, de uma coletividade. Assim, Bachelard assegura que a casa é o lugar primeiro do ser humano, é sua ligação, seu liame com o mundo. É por meio da casa que encontramos um abrigo, um conforto, a casa é nossa porta de entrada para o mundo. A casa é também um ninho para o indivíduo, porém:

A casa-ninho nunca é nova. Poder-se-ia dizer, de uma maneira pedante, que ela é o lugar natural da função de habitar. A ela se sonha voltar, como um pássaro volta ao ninho, como o cordeiro volta ao aprisco. Este signo do retorno marca infinitos devaneios, pois os retornos humanos se fazem sobre o grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta contra todas as ausências através do sonho. Sobre as imagens aproximadas do ninho e da casa repercutem um componente de íntima fidelidade. (BACHELARD, 1978, p. 261-262)

Com efeito, é para essa casa, esse ninho, que nosso protagonista deseja voltar. É esse desejo de retorno que percorre toda a trama: “A casa, depois de descida, em fojo de árvores.” (ROSA, 1985, p. 97).

Outra imagem singular nesse enredo é a do ninho: “Num ninho, nunca faz frio” (ROSA, 1985, p. 97). Ele aparece também como possibilidade de reconstruir a memória, só que muito menos referencial que a casa. O ninho simboliza a infância, constitui, na linguagem bachelardiana, um devaneio de intimidade, posto que sua essência se traduz em conforto, segurança, aconchego; além disso, podemos afirmar também que o ninho é um elemento de extrema simbologia: “O ninho, como toda imagem de descanso, de tranqüilidade, associa-se imediatamente à imagem da casa simples. Da imagem do ninho à imagem da casa ou vice-versa, as passagens só se podem fazer sob o signo da *simplicidade*.” (BACHELARD, 1978, p. 261). Portanto, o ninho emerge como uma representação do comportamento do protagonista: do caos (suas memórias, lembranças) ele tenta reconstruir seu universo de segurança, aconchego e conforto.

Há duas outras imagens neste conto rosiano que também reforçam a tentativa de reconstruir o lugar: o ipê e a água. O ipê surge como representação do enraizamento, do pertencimento a um lugar, da necessidade que tem o ser humano de estar fixado a uma terra, uma paisagem e, a partir dela, fazer-se homem e ter consciência de seu ser e estar no mundo. A água, por sua vez, é de rica simbologia em inúmeras culturas. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2012,

p. 21-22), “a água é o símbolo das energias inconscientes, das virtudes informes da alma, das motivações secretas e desconhecidas.” Essa “água da memória”, em Drijimiro, escorre por entre os dedos, de igual modo ocorre ao narrador: “ao narrador foge o fio”. Algumas referências podem ser apontadas quanto ao elemento água neste conto: “olhos-d’água jorrando de barrancos”, “Drijimiro voltava-se – para o rio de ouvidos tapados”, “Gostou dela, como de madrugada geia”, “e suor fresco de cavalo”, “com miriquilhos borbulhando nos barrancos” e “a água azul das lavadeiras, lagoas que refletem os picos do montes” (ROSA, 1985, p.98). Essa simbologia, portanto, da água encerra com efeito essa motivação secreta e desconhecida que acompanha o protagonista em seu (des)caminho que tem por testemunha um narrador que se julga incapaz de narrar a história: “não acho as palavras” (ROSA, 1985, p.100).

#### **4 Considerações Finais**

As narrativas de Guimarães Rosa são sempre uma descoberta, um convite à reflexão, ao encontro do leitor consigo mesmo e com paisagens e linguagens, por vezes, ainda não experienciadas. A perspectiva de leitura de qualquer texto da obra inovadora desse autor passa constantemente pela ideia de inovação, de surpresa, criatividade ímpar e sem igual na literatura brasileira. Em “Lá, nas campinas...”, esse estranhamento/encantamento que causa ao leitor, e que é tão peculiar aos textos rosianos, foi demonstrado por meio de três abordagens que julgamos complementares e ampliadoras a um só tempo: a da geografia humanista cultural, a da filosofia e da estilística.

Sob a ótica da espacialidade, vimos que o foco da narrativa volta-se não só para a imaginação, mas também para a memória. Ambas desempenham, segundo essa ótica, um papel importantíssimo para o entendimento da narrativa. Tuân fala de lugares e objetos e de como eles se confundem na memória e na percepção do indivíduo, tal qual foi enfatizado nesta leitura. Há, também, uma valorização dos sentidos na trama, isso porque todas as formas de compactuar com o mundo deixam um legado na memória, a qual Drijimiro tenta, sem êxito, recompor e por meio dela refazer sua trajetória ao lugar de origem. Desse modo, o protagonista resulta um ser

fragmentado, envolto em um cenário de indefinição, qual seja; suas campinas, cujas lembranças não alcançam.

As campinas deixam de ser, portanto, um “lar” e ganham *status* de “lá”, de um lugar indefinido e incerto, tão distante e tão alheio ao nosso personagem. Os limites de tempo e espaço são, com isso, ressignificados e, ao invés de traçarem um roteiro de reencontro, apresentam-se como, para usar um termo bastante rosiano, um “descaminho”, um caminho de perdas e de desencontros consigo mesmo. O que nos leva a algumas questões fenomenológico-existencialistas que, dialogando com categorias que são, a um só tempo, pertinentes tanto para essa abordagem literária, quanto para a filosofia, tornam-se uma tentativa de compreender e traduzir os dramas e dilemas de Drijimiro.

O tempo e o lugar são sempre evocados: o tempo pela memória que redesenha a vida do presente sem que se possam esquecer as lembranças do lugar de onde fora arrancado o protagonista; o lugar, por sua vez, que um dia foi um lar, torna-se palco de indefinição, lugar incógnito e distante. Há, na trajetória do personagem, um movimento regressivo que apela para os sentidos, com os quais Drijimiro já não pode contar. Dúvidas são derivadas dessa experiência opaca e incompleta, o que leva a uma fuga da lógica à qual o leitor, em geral, está habituado no texto ficcional. As unidades clássicas, por tratar-se de um escritor de quilate incomparável em nossas letras, são reconfiguradas sob outra ótica. Logo, as ações cedem lugar às lembranças, que ganham papel de destaque, embora não resolvam o drama do protagonista. O lugar é buscado sob o olhar da expectativa, da esperança, como uma dádiva. Porém, não é alcançado. O tempo, a seu turno, é marcado pela descontinuidade, posto que o pretérito parece ter mais peso, mais ênfase que o próprio “hoje” da história.

Por fim, na análise estilística, vimos que o universo desse contador de histórias se mostra não tanto pelo enredo surpreendente, o que de fato não o é, posto que a narrativa não apresenta um conteúdo que surpreenda. Ao contrário, a trajetória do personagem é até bastante trivial, bem elementar, uma vez que não há fatos inusitados, que fogem à verossimilhança esperada. Há predominância de um forte anseio por parte de Drijimiro, nosso protagonista, de retorno ao lugar de origem. Isso é demonstrado por meio da língua: quer seja pela prefixação negativa, que destaca a não-aceitação do protagonista do lugar onde vive; quer seja pelo emprego de neologismos que reforçam a dinâmica de inquietude e insatisfação, de falta de enraizamento de Drijimiro; quer seja pelas figuras de linguagem, tão carregadas de poesia e verdade, traduzindo a alma de nosso herói em sua odisseia; quer seja, finalmente, pela poética do imaginário tão presente no texto, por meio de suas imagens simbolicamente arraigadas e enunciando o que está

para além das palavras, levando/convidando o leitor a estabelecer relações semânticas que transcendem uma leitura superficial.

Além disso, temos também um narrador cuja sensibilidade pelo dilema do personagem não consegue ofertar-lhe um caminho. Ambos, Drijimiro e narrador estão descolados em seus intentos: este por estar aquém de suas possibilidades e, com isso, confessa-se incapaz de narrar uma vida cheia de lacunas, incompleta de memórias e rasa em lembranças; aquele por não viver em plenitude o presente, por apegar-se a um “lá” que não lhe diz o caminho de volta à casa e às origens.

## Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1988.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: JOÃO GUIMARÃES ROSA. Instituto Moreira Sales, dez 2006.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. São Paulo: Editora Vozes, 2005.

LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo Faria. ROSA. ROSA, Guimarães. *Tutaméia*. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1983.

MARTINS, Nilce Sant'ana. *O Léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Edusp, 2008.

NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. Tutaméia. In: *O dorso do tigre*. Prefácio de Affonso Ávila. São Paulo: Editora 34, 2009.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspecto e essência de lugar. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; DE OLIVEIRA, Livia (orgs.). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ROSA, Guimarães. *Tutaméia: terceiras estórias*. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

---

<sup>1</sup> Termo utilizado pelo geógrafo canadense Edward Relph para expressar a fraca capacidade de um lugar de promover a reunião ou o reconhecimento de pertencimento. Enquanto os lugares autênticos teriam um forte nível de lugaridade, os não-lugares seriam aqueles que teriam ausência total de lugaridade, enquanto que os lugares-sem-

---

lugaridade teriam um nível muito baixo. Segundo o autor: “[...] Sempre que a capacidade do lugar de promover a reunião é fraca ou inexistente temos não-lugares ou lugares-sem-lugaridade. Essas ideias são importantes porque permite entender lugar pela ausência, tanto quanto pela presença. [...]” (RELPH, 2012, p. 25)

---

### **Márcia Manir Miguel Feitosa**

---

Doutora em Literatura Portuguesa pela USP. Docente do Departamento de Letras da UFMA e do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade da mesma universidade. Líder do Grupo de *Estudos em Língua, Discurso e Literatura* – GELLD e vice-líder do Grupo de Estudos da *Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa*. Organizadora, juntamente com a Profa. Dra. Ida Alves, da UFF, do livro *Literatura e Paisagem: perspectivas e diálogos*, publicado em 2010 pela EDUFF.

---

### **Adeilson de Abreu Marques**

---

Graduado em Licenciatura em Letras e mestrando do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Membro do Grupo de *Estudos em Língua, Discurso e Literatura* – GELLD. Atualmente trabalha no Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão e é professor na Secretaria de Educação do Estado do Maranhão.

---

### **Flaviano Menezes da Costa**

---

Graduado em Letras, pós-graduado em Língua Portuguesa e Literatura, graduado em Filosofia (UFMA) e mestrando do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Membro do Grupo de *Estudos em Língua, Discurso e Literatura* – GELLD.

---

### **Narjara Mendes Silva**

---

Graduada em Licenciatura em Letras e mestranda do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Membro do Grupo de *Estudos em Língua, Discurso e Literatura* – GELLD.

*Enviado em 30 de dezembro de 2013.  
Aceito em 01 de março de 2014.*